

# Cartazes dos COLES: discursos em imagens<sup>1</sup>

## Posters of coles: discourses in pictures

<https://doi.org/10.34112/2317-0972a2020v38n79p45-64>

LILIAN LOPES MARTIN DA SILVA<sup>2</sup>

LUCIANE MOREIRA DE OLIVEIRA<sup>3</sup>

**RESUMO:** O catálogo *Tempo de Cole* possui 19 cartazes dos Congressos de Leitura do Brasil, acompanhados de especificações técnicas e dos temários de cada congresso durante o período de 36 anos, de 1978 a 2014. A publicação é resultado do projeto “ALB: memórias”, cujo objetivo principal é a criação e a pesquisa do arquivo histórico da Associação de Leitura do Brasil (ALB), uma entidade criada em 1981, em estreita colaboração com a Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Neste texto apresenta-se um esforço de leitura dos cartazes dos congressos, que, em imagens e palavras, registram discursos significativos e que podem ser explorados para a construção de uma história da leitura em nosso país.  
**PALAVRAS-CHAVE:** Associação de Leitura do Brasil; Congresso de Leitura do Brasil; memória; história da leitura no Brasil; leitura.

**ABSTRACT:** The catalog *Tempo de Cole* consists of the 19 posters of Reading Conferences of Brazil, followed by technical details and general themes of each venue that happened between 1978 and 2014 (36-year coverage). The publication is a result of the research carried out in the Project ALB – Memoirs, whose main objective is the investigation and creation of the historical

1. Versão reformulada do texto originalmente publicado em espanhol nos Anais do XVIII Coloquio de Historia da Educacion - arte, literatura y educacion, 2015, VIC - Barcelona. v. 2, p. 383-392.
2. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, Brasil.
3. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, Brasil.

archives of Associação de Leitura do Brasil (Reading Association of Brazil - ALB), an organization founded in 1981, in close collaboration with the Faculty of Education at Unicamp. In this work we present an effort of interpreting the posters of congress, which, in pictures and words, recorded significant speeches related to a history of reading in our country.

**KEYWORDS:** Associação de Leitura do Brasil; Reading Congress of Brazil; memoirs; reading history of Brazil; reading

## 1. OS CONGRESSOS DE LEITURA DO BRASIL (COLES) E A PESQUISA ALB: MEMÓRIAS

Os Congressos de Leitura do Brasil, os Coles, como ficaram mais conhecidos, representam uma das iniciativas da Associação de Leitura do Brasil (ALB)<sup>4</sup> em favor das reflexões e discussões sobre a leitura no País. Um evento que se realiza a cada dois anos na cidade de Campinas, SP, e está consolidado entre professores, estudantes e pesquisadores, compondo a história de quase 40 anos da ALB e se destaca no cenário nacional.

Desde seu início, em 1978,<sup>5</sup> o congresso realiza uma programação que, com o tempo, se amplificou e diversificou, movimentando não só o que há de mais recente no campo das pesquisas em leitura, educação e ensino, como várias manifestações artísticas, entre elas a literatura, o cinema, a música, espetáculos teatrais, etc. A decisão por um evento que tivesse um caráter híbrido pautou-se sobretudo na compreensão de que a luta pela democratização da leitura no País trazia junto dela a luta pelo direito de todos a uma formação humana e cultural que transita não só pelas experiências educacionais como também pelas produções artísticas e literárias.

A importância dos Congressos de Leitura do Brasil e da Associação que os realiza para uma história da leitura em nosso país nos parece inegável. O Cole é o único evento nacional dedicado ao tema da leitura; tem projetado, ao longo das últimas décadas, reflexões brasileiras e estrangeiras de muito significado e articulado discussões no campo político e educacional; inclui, também, as vozes daqueles que desejam relatar e expor pesquisas e experiências: professores, bibliotecários,

4. Site da Associação de Leitura do Brasil: <http://alb.com.br/>.

5. As três primeiras edições dos congressos (1978, 1979 e 1981) se realizaram sob a coordenação do Departamento de Metodologia de Ensino (FE/Unicamp), extinto no ano de 2005. Durante as atividades do 3.º Cole, fundou-se a ALB, na noite de 14 de novembro de 1981.

estudantes e outros, colaborando para modular os pontos de vista que se fazem hegemônicos no tecido social.<sup>6</sup>

A pesquisa sobre os Congressos de Leitura do Brasil mobiliza os variados documentos que registram o percurso desse evento e integra o projeto *ALB: memórias*<sup>7</sup>, cujo objetivo maior é a constituição do arquivo histórico da entidade, viabilizando o trabalho com os documentos localizados e organizados em vários grupos, de modo a contribuir para sua preservação e para a compreensão dos objetos de conhecimento na história. Agrega alunos da graduação, da pós-graduação e voluntários numa experiência coletiva, com o intuito de compartilhar modos de fazer e de pensar a pesquisa de caráter histórico e todas as suas operações. Encontra sentido no interior das discussões em torno dos desafios e da importância da constituição de arquivos e acervos de memória de instituições culturais e de educação. Inspira-se nas recentes contribuições trazidas pela História Cultural, sobretudo de autores que se dedicam à história do livro e da leitura.

O trabalho ligado aos Congressos de Leitura visa localizar, identificar, reunir, classificar, digitalizar e disponibilizar as fontes impressas, sonoras, iconográficas e fílmicas do evento, que se encontram disponíveis não só na sede da Associação de Leitura do Brasil (ALB), mas também em outros locais, como: Biblioteca Pública Municipal, Prefeitura Municipal de Campinas (Secretaria de Cultura), Arquivo Permanente do Departamento de Metodologia de Ensino (FE/Unicamp).<sup>8</sup>

São variados materiais que expressam visões, relevâncias, pontos de vista, olhares, etc., que vão de fotografias, registros sonoros, fitas em VHS, DVDs, folhetos de divulgação, programas acadêmicos, culturais, materiais de identificação dos congressistas e dos organizadores, correspondência, etc.<sup>9</sup>

Desse universo bastante diversificado também fazem parte os cartazes do evento, cujo conjunto tomamos como nosso objeto de reflexão neste texto, com a intenção de, tão somente, apontar para o potencial de análise neles contido.

6. A obra *Políticas Curriculares de Leitura: crise, antagonismo e negociação no congresso de leitura do Brasil (Cole)*, de Geniana dos Santos, publicada pela Editora CRV, de Curitiba, em 2019, exemplifica essa afirmação, assim como a tese e a dissertação defendidas na FE/Unicamp e outros trabalhos disponíveis em: <https://www.alleaula.fe.unicamp.br/grupos-de-pesquisas/pesquisa-alb-memorias/producoes-e-publicacoes>.
7. Trabalho de Pesquisa sob a responsabilidade da Professora Lilian L. M. Silva, do Grupo de Pesquisa Alfabetização, Leitura e Escrita/Trabalho Docente e Formação Inicial (ALLE/AULA) da FE/Unicamp. Disponível no site da pesquisa <https://www.fe.unicamp.br/pesquisa/grupos-de-pesquisa>.
8. No presente momento, todo o acervo está reunido e vem sendo processado no Centro de Memória da Educação, na FE/Unicamp, para o qual a ALB fez doação do material em novembro de 2017.
9. Resultou desse esforço um conjunto de trabalhos, que estão disponíveis na íntegra em <https://www.alleaula.fe.unicamp.br/grupos-de-pesquisas/pesquisa-alb-memorias/producoes-e-publicacoes>.

## 2. IMAGEM E MATERIALIDADE

Selecionamos como material de leitura 17 cartazes impressos relativos às edições do congresso de 1978 a 2009.<sup>10</sup> Eles articulam, em sua materialidade, conteúdos e formas que apontam para diferentes aspectos a serem interpretados. Tomá-los nessa materialidade, resultante de um determinado projeto gráfico que se dá a ler em um circuito de comunicação<sup>11</sup>, implica concebê-los não apenas como fontes para o desenvolvimento desta ou daquela reflexão, mas como objetos de pesquisa. Mais do que servir-se de seus “conteúdos” para, através deles ou com eles, investigar certo assunto ou tema, é preciso lê-los nessa materialidade, e com ela buscar compreender os sentidos ali engendrados.

Contra a representação, elaborada pela própria literatura, do texto ideal, abstrato, estável porque desligado de qualquer materialidade, é necessário recordar vigorosamente que não existe nenhum texto fora do suporte que o dá a ler, que não há compreensão de um escrito, qualquer que seja ele, que não dependa das formas através das quais ele chega ao seu leitor. (CHARTIER, 1988, p. 126-127)

Para Chartier, os sentidos de um texto ou imagem (assim como aqueles dos cartazes) precisam ser buscados nas redes complexas que estabelecem e em que se inserem. Estas envolvem: autoria, fabricação do impresso, suas formas de circulação e recepção, esta última também entendida como outra produção, que remetem para diferentes apropriações ou usos feitos pelos leitores.

Essa é uma abordagem que considera os cartazes como uma materialidade que dialoga com outros documentos, com outras expressões e com a situação em que se encontram enraizados, podendo ser significados como objeto e fonte documental potente na constituição das narrativas históricas, especialmente quando, nesse diálogo, permitem que diferentes ângulos das questões sejam abordados.

10. Nas quatro últimas edições do congresso (2012, 2014, 2016 e 2018) não houve a impressão de cartazes. A divulgação dos eventos foi feita através da WEB (sites dos congressos e da ALB e redes sociais), que passa a assumir a posição de mídia master. Os sites agregam informações que contêm também outros elementos, como ficha de inscrição, programação, apresentação, galeria de imagens, etc. É um processo iniciado em 2005, quando a ALB, entidade realizadora dos Coles, construiu seu primeiro site. Desde então temos um deslocamento do material produzido no formato impresso (papel) para o formato digital. O último cartaz impresso do Cole no formato tradicional foi produzido em 2009 para o 17.º Cole.

11. Sobre o conceito de “circuito de comunicação”, ver Darnton (2010, p. 127).

Da mesma forma, Bakhtin (1979), ao propor a linguagem como interação, permite pensar qualquer manifestação (oral, escrita, imagética, verbal...) como sendo um enunciado, mas cujo sentido não está nele contido e, sim, na enunciação, ou seja, nos elos que ele “estabelece” com outras manifestações, com o que está para além dele nos diversos tempos (passado, passado e futuro).

Nesse sentido, compreender os cartazes significa tomá-los em sua complexidade, resultante de enunciados verbais e imagéticos construídos em linguagens diversas e conjugadas, bem como de sua materialidade e dos elos que estabelecem com a situação em que são fabricados.

### 3. UM EXERCÍCIO DE LEITURA

Os cartazes dos Coles não só registram discursos sobre a leitura, mas indiciam a relação dessa prática e dos congressos com a sociedade brasileira, a educação e seu tempo. Seus sentidos, não sendo imanentes, podem ser construídos nessas relações. Tomando tais cartazes nas finalidades de sua existência, naquilo que veiculam, nas ênfases dos congressos que divulgam, nos modos como o fazem, na rede de relações que dão sustentação aos eventos anunciados, no diálogo que estabelecem com o momento histórico de que fazem parte, é possível uma aproximação desses sentidos.

#### 3.1.

A totalidade dos cartazes faz referência aos **locais de realização** de cada evento, ora de forma genérica, como “Unicamp”, ora com maiores especificações, como “Ginásio Multidisciplinar da Unicamp”. Embora desde o 8.º Cole (1991) este evento tenha se fixado nas dependências da universidade, no período anterior, realizou-se em outros locais da cidade, como o Centro de Convivência Cultural (CCC), alguns colégios tradicionais Colégio Culto à Ciência, Colégio Progresso e Escola Normal, além da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUCCAMP).

Ao mapear os diferentes locais de realização dos Coles através da leitura dos cartazes, podemos pensar nas transformações do evento no decorrer do tempo, especialmente em seu público, que se ampliou significativamente, e em seu formato, que exigiu uma diversificação de locais, de modo a acolher as atividades planejadas. Também é possível recuperar o que parece estar na origem dos Congressos e das Feiras de Livros,

ou seja, o desejo de popularização do livro e da cultura, associando tais iniciativas a espaços prestigiados da cidade, como o Centro de Convivência Cultural.

Assim se manifesta, por exemplo, o jornal campineiro *Diário do Povo* em sua edição de 15 de outubro de 1979, a propósito da escolha desse local para a realização da Feira das Feiras, que integrou a programação do 2.º Cole:

...conforme assinalou a diretora de departamento da Secretaria de Cultura, Ana Cristina Martorano do Amaral, que procedeu o corte da fita inaugural ontem as 14 horas, a Feira das Feiras propõe maior dinamismo ao Centro de Convivência Cultural, “com a ocupação de todo o espaço dessa obra para as diferentes atividades culturais e maior acesso ao povo”. (Caderno Local, página 5)

Na mesma direção, temos a afirmação de Silva *et al.* (2014, p. 60):

O 1.º COLE parece ter sido, pois, pensado, planejado e realizado como parte de uma Feira de Livros da cidade, evento, de caráter popular. Com isso, aproxima-se de sua vontade política de integrar as discussões sobre o livro, a literatura e a cultura ao público em geral. Seu Temário Geral – **Leitura para Todos** reforça sua busca de popularização ou democratização da leitura. Realizou-se entre os dias 23 e 24 de setembro de 1978, nas dependências do Centro de Convivência Cultural de Campinas/SP, junto de uma Feira do Livro, que se esparramava pelas galerias do teatro. Com isso, buscava-se também “popularizar” esse espaço que se elitizara na cidade, contrariando as aspirações para com esse local.

### 3.2.

Em todos os cartazes, do 1.º ao 17.º Cole, estão também registrados os **realizadores, patrocinadores, colaboradores e apoiadores do evento**. São editoras, agências de fomento à pesquisa, bancos, agências de turismo e de comunicação, órgãos públicos, como Secretarias de Educação e Cultura, entidades e associações. A cada evento, uma rede de sustentação para ele, mobilizando variados recursos necessários à sua realização. Congresso e Feira do Livro parecem ter representado elementos de distinção e legitimidade, fazendo parte das ações de *marketing* cultural de muitos dos órgãos apoiadores.

Um exemplo de parte dessa rede está na matéria do jornal campineiro *Diário do Povo*, que destaca alguns dos colaboradores e patrocinadores da Feira das Feiras

durante o 4.º Cole: “Nesse ano a Feira das Feiras traz muitas novidades para o público e a colaboração do SESC, Arte Índia/Funai, Departamento de Parques e Jardins, Banco Noroeste e Câmara Brasileira do Livro além da SMCET” (04 nov. 1983, p. 13).

A rede se amplia, quando recorremos ao cartaz desse mesmo 4.º Cole, onde se lê que o evento estava também sendo apoiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico - CNPq, pela Faculdade de Biblioteconomia da PUC, pela Associação Campineira dos Bibliotecários, pelo Colégio Culto à Ciência, pela Nestlé, pela Varig e pela Telesp.

3.3.

Distribuímos em quatro grupos os **projetos gráficos dos 17 cartazes selecionados**, considerando tão somente seu aspecto iconográfico, ou seja, tendo em conta se temos uma ilustração, uma composição gráfica, pintura ou fotografia.

As imagens dos primeiros cartazes, do 1.º ao 8.º Cole, de 1978 a 1991, são ilustrações, com exceção do cartaz do 7.º Cole, de 1989, que contém uma aquarela. Foram os ilustradores que, em sua quase totalidade, realizaram o projeto gráfico dos respectivos cartazes.<sup>12</sup> Há dois deles, do 4.º e do 8.º Coles, cujas ilustrações não apresentam autoria. A hipótese mais forte para explicar essa ausência é a de que a confecção do material tenha ficado sob a responsabilidade de algum grupo empresarial, patrocinador do evento, que tem como prática “apagar” as marcas de autoria de materiais produzidos por eles.<sup>13</sup>

12. Os ilustradores, também autores dos projetos gráficos, identificados através do registro nos cartazes são: Paulo Antonio Nilson – 1.º Cole; Darius Augustus Corbett Jr. (Guto) – 2.º e 3.º Coles; Douglas Belo – 5.º Cole; Gislaine Ribeiro e Dadi – 6.º Cole.

13. A recuperação da autoria das imagens e do projeto gráfico dos cartazes está sendo realizada através de outros documentos (anais, programas, correspondência...) e de organizadores dos congressos.



Fig. 1 – Cartazes do 1.º ao 8.º Cole

Em todos os cartazes desse grupo, a ilustração ocupa boa parte da superfície, sendo encabeçada e ladeada por outras informações do evento, como tema, subtemas, período e local, logos ou indicações de patrocinadores e apoiadores. Esses primeiros cartazes têm dimensões que variam de 64 x 45 cm a 44 x 33 cm; todos foram produzidos em papel e tiveram uma impressão colorida em *off-set*.

Segundo Ezequiel Theodoro da Silva<sup>14</sup>, os cartazes constituíam a *mídia máster* daquele momento histórico:

*Sem cartazes os eventos não existiam... A identidade dos eventos se fazia também através dos cartazes, que eram fixados ou enviados para espaços de circulação dos potenciais participantes do congresso, como escolas, restaurantes, livrarias, clubes, bibliotecas, secretarias de educação e cultura, etc.*

14. Fundador e Presidente da ALB em inúmeras diretorias e Coordenador Geral desses congressos. Depoimento registrado em 24 de fevereiro de 2015.



Tal afirmação pode explicar o fato de os cartazes terem sido impressos em grande formato, aspecto comum a todos eles, pois foram produzidos para afixação em locais públicos, de grande visibilidade e circulação de pessoas, cumprindo assim a função de divulgação do congresso.

Num segundo grupo, como mostra a Figura 2, reunimos os cartazes do 9.º, 13.º, 14.º, 15.º, 16.º e 17.º Coles, cujas composições gráficas contêm, em cada uma, uma imagem impossível de fracionar, pois ela é formada por vários elementos que se misturam, numa espécie de *bricolagem* que a torna única. Tais cartazes diferenciam-se do primeiro conjunto, em que as imagens e os textos estão nitidamente separados e combinados por justaposição, o que resulta numa estética artística possível de ser considerada mais tradicional. Aqui, o autor do cartaz é, ao mesmo tempo, responsável pela composição da imagem e pelas informações que, dentro ou em torno dela, comunicam aspectos importantes do evento, como tema, local, data, etc.<sup>15</sup>



Fig. 2 – Cartazes do 9.º, 13.º, 14.º, 15.º e 17.º Coles

15. Assim temos Renato Faria, como responsável pelo cartaz do 16.º (2007) e do 17.º Coles (2009).

Há, também, cartazes cujas imagens são reproduções da pintura (7.º e 10.º Coles).



Fig. 3 – Cartazes do 7.º e 10.º Coles

O primeiro deles, ao invés de recorrer à ilustração, como em todos os demais se fazia até então, contém uma solução diferente – uma aquarela –, deles distinguindo-se. Para a Prof.<sup>a</sup> Lilian Lopes Martin da Silva, vice-presidente da ALB na gestão que promoveu este congresso em 1989, o que orientou essa escolha foi a estreita relação daquela diretoria com as reflexões do autor da aquarela em torno das imagens no mundo da educação. Para ele, grande parte dessas imagens possuem um caráter didático, esquemático, carregam representações bastante habituais e já estabilizadas no imaginário social, como, por exemplo, as ilustrações nos cartazes do 5.º e do 6.º Coles. Crítico de tais imagens, o artista produz da sala de aula uma representação visual que deseja subvertê-la, ao buscar novos ângulos e perspectiva para espaço e objetos bastante comuns. Essa linha de raciocínio pode encontrar reforço quando consideramos que o número 13 da Revista *Leitura: teoria e prática*, editada pela ALB em junho de 1989, estampa na capa uma gravura da sala de aula, de autoria do mesmo professor, numa visualidade semelhante à do cartaz.<sup>16</sup>

Em contrapartida, para a pintura reproduzida no cartaz do 10.º Cole não conseguimos obter informações. Nem em relação à pintura, nem aos critérios da diretoria

16. O professor Milton José de Almeida também responde pela autoria de muitas outras capas da revista *Leitura: Teoria e Prática*, o que sinaliza estreita colaboração com a entidade, especialmente entre os anos de 1985 a 1993.

ao selecioná-la. É possível, apenas, pensar que a escolha se tenha dado a partir da proposição temática do evento.

Diferentemente desses, outros cartazes se aproximam pelo uso da fotografia. O cartaz do 11.º Cole traz, à esquerda e ao pé da imagem, em letras bem pequenas, as iniciais J. L. Bulcão – que pertencem ao renomado fotógrafo brasileiro João Luís Bulcão – e a palavra Tyba, indicativa do banco de imagens do qual a imagem foi retirada (<https://www.tyba.com.br>). Também na lateral esquerda do cartaz do 12.º Cole, vem a indicação, em letras miúdas, da responsável pelo *layout* do material, incluindo a foto e as intervenções escritas. Trata-se de Vanda Rolta Gomide.

Como podemos ver, não são fotos “documentais” no sentido habitual dessa palavra, isto é, não estão ali para mostrar, provar ou ilustrar algo. Assim como as pinturas, as fotografias utilizadas buscam produzir efeitos e sentidos que potencializam as ênfases propostas para as discussões que compõem a programação dos eventos que anunciam.



Fig. 4 – Cartazes do 11.º e 12.º Coles

Não é possível afirmar que, numa hipotética linha do tempo, os cartazes com ilustração tenham sido cronologicamente sucedidos por aqueles em que a imagem resulta primeiramente de uma composição gráfica e em seguida a imagem é trazida pelo uso da pintura e da fotografia. Fosse assim, poderíamos cogitar que

a confecção do cartaz, recorrendo a uma ou outra forma, resulta tão somente das possibilidades tecnológicas asseguradas por cada tempo e nele enfatizadas. A ideia de que uma nova tecnologia tem o poder de suprimir uma tecnologia anterior é simplista e não se sustenta. Haja vista que não deixamos de pintar depois que o registro das imagens foi possível através da fotografia, ou não deixamos de contar histórias com o som das nossas vozes para as crianças que podem conhecer essas histórias em imagens e sons na tela dos seus *tablets*...

Mas também é bem verdade que as ilustrações desaparecem como opção para os cartazes após o 8.º Cole e nunca mais se fazem neles presentes. Esse fato nos remete para o ano de 1991 e pode estar sinalizando para uma presença mais significativa do computador no cenário brasileiro, o que teria permitido o processamento digital e a modelação direta das imagens na busca de soluções para a produção gráfica. Mas essa é apenas uma hipótese a ser melhor investigada.

Quer parecer, então, que as decisões referentes aos cartazes não se pautaram exclusivamente pelas possibilidades garantidas pelos avanços técnicos relacionados a produção e impressão das imagens. Remetem também para relações de negociação entre formas de fazer e formas de pensar...

#### 3.4.

Todas as edições do Cole tiveram um **tema geral ou temário**. Sua função era anunciar, de maneira sintética, a ênfase ou a direção escolhida para a discussão da leitura que marcaria a programação oficial do evento, organizada em conferências, mesas-redondas, oficinas, etc.

A partir do 2.º Cole os cartazes trazem, como parte de seu projeto gráfico, o registro do tema geral ou temário do congresso, e apenas o tema geral do 1.º Cole necessitou ser identificado através do documento *Projeto Para Execução* – Departamento de Metodologia de Ensino, 1978.

A leitura dos temas nos permitiu propor três momentos distintos, conforme apresenta a Tabela 1:

	Congresso	Ano	Tema Geral/Temário
1.º Momento	1.º Cole	1978	Leitura para todos
	2.º Cole	1979	Pedagogia da Leitura
	3.º Cole	1981	Lutas pela democratização da leitura no Brasil
	4.º Cole	1983	Leitura na sociedade democrática: do discurso à ação
	5.º Cole	1985	O professor e a leitura
	6.º Cole	1987	A questão dos métodos e os métodos em questão
2.º Momento	7.º Cole	1989	Nas malhas da leitura: puxando outros fios
	8.º Cole	1991	Leitura: autonomia, trabalho e cidadania no Brasil
	9.º Cole	1993	Leitura: conquista de uma realidade
	10.º Cole	1995	Leitura e Sociedade
	11.º Cole	1997	A voz e a letra dos excluídos
3.º Momento	12.º Cole	1999	Múltiplos objetos, múltiplas leituras: afinal o que lê a gente?
	13.º Cole	2001	Com todas as letras, para todos os nomes
	14.º Cole	2003	As coisas, que tristes são as coisas consideradas sem ênfase... Carlos Drummond
	15.º Cole	2005	Pensem nas crianças mudas, telepáticas... Vinícius de Moraes
	16.º Cole	2007	No mundo há muitas armadilhas e é preciso quebrá-las. Ferreira Gullar
	17.º Cole	2009	O olho vê, a lembrança revê, e a imaginação transvê. É preciso transver o mundo. Manuel de Barros

Tabela 1 – Momentos e Temários dos Coles

As imagens e os projetos gráficos dos cartazes estabelecem nexos com os temas identificados que são expressos em representações cujo apelo visual parece provocar a mobilização de valores, conceitos e juízos compartilhados por uma grande maioria.

### 3.4.1.

Nos primeiros dez anos, do 1.º ao 6.º Cole (1978 – 1987), é possível afirmar que os congressos colocaram em evidência, de maneira equilibrada e alternada, duas questões: uma que diz respeito às discussões sobre a democratização da leitura no País e outra relativa às questões do seu ensino.

O 1.º Cole (1978), com o tema “Leitura para Todos”, expressa o desejo de popularizar a leitura, o livro, os espaços destinados a essa prática, as reflexões feitas pela universidade, que se via há tempo privada da discussão política de maneira aberta e sem censura. *Resumos*, que contém os resumos das conferências realizadas, traz em sua página de abertura afirmações de Gramsci e Osman Lins, que enfatizam esse desejo:

*“Já que o povo não vai ao livro  
(a um tipo de livro, o dos literatos  
profissionais), então o livro irá ao povo (...)  
o livro deve tornar-se intimamente nacional-popular (...) a fim de ir ao povo”  
Gramsci*

*“Tentar fazer com que o livro, para o grande público brasileiro, deixe de ser algo estranho  
e exótico...”  
Osman Lins*

A ilustração contida no cartaz do 1.º Cole (1978) é a de um homem de costas e em pé, iniciando a abertura de um livro e olhando seu interior. O livro é maior do que ele e está também na posição vertical. Essa imagem se reproduz em perspectiva, em tamanho menor e por duas vezes, sugerindo, talvez, que a leitura seja algo de sentido amplo, profundo, inesgotável, de descoberta. Ou então, que essa atividade pode e precisa se multiplicar, como diz o tema do congresso.

As avaliações do 1.º Cole, colhidas entre os participantes, vão acentuar a necessidade de se estabelecer, para o congresso seguinte, uma programação que

aborde aspectos pedagógicos e metodológicos da leitura. Nessa direção, o 2.º Cole estabelece o tema da *Pedagogia da Leitura* e coloca ênfase nas questões do ensino escolar dessa prática. Os objetivos que orientam sua programação permitem ver a força dessa preocupação:

1. ESTABELEECER estratégias viáveis para a incrementação do hábito de leitura junto à população;
2. FORNECER aos professores do 1º e 2º graus algumas propostas para a melhoria do ensino da leitura;
3. REFLETIR sobre aspectos relacionados com a utilização de livros e materiais didáticos;
4. TROCAR EXPERIÊNCIAS voltadas à pedagogia da leitura.  
(Resumos - 2.º Cole, s.d.)

A ilustração presente no cartaz que divulga o 2.º Cole (1979) insere um sujeito de braços abertos, aflito, talvez pedindo por socorro, em meio a um labirinto formado por livros em pé e igualmente abertos. Quem sabe uma representação da situação (de perda?) dos leitores-professores, chamados a construir uma educação diferente, nova, para uma escola que se amplia e assume a responsabilidade cada vez maior pela educação de segmentos da população até então excluídos. Uma pedagogia da leitura que parece ser capaz de estabelecer diretrizes e rotas metodológicas para o trabalho com essa prática na escola, fazendo-se, portanto, imperativa para esse leitor perdido e aflito, que, mesmo cercado de livros, pergunta: Para onde ir? Como ir? Que fazer? Buscando contemplar essa situação, a programação do evento não apenas se vale da discussão de definições para a leitura, como responde aos pedidos e às necessidades dos professores, sobretudo os alfabetizadores, através de relatos de experiência e de reflexões sobre conhecimentos pertinentes a esse desafio.

No 3.º Cole (1981), que tem por tema *Lutas pela democratização da leitura no Brasil*, Paulo Freire aprofundou a reflexão sobre a importância da leitura e de sua necessidade para uma educação das classes populares. Os objetivos do congresso também enunciam essa preocupação:

1. Reunir interessados no sentido de refletir sobre a problemática da leitura no território nacional;

2. Apresentar e debater trabalhos voltados ao desenvolvimento da leitura junto às classes populares.

(Resumos – 3.º Cole, s.d.)

O cartaz do congresso traz a ilustração de uma família, reunida na sala, assistindo a um livro aberto, colocado no lugar de um aparelho de televisão. Cria-se, assim, uma imagem que propõe o livro no lugar da televisão, como sendo um projeto para a educação do povo brasileiro. Educa-se com o livro, objeto de prestígio e representante da cultura letrada, erudita e tradicional, e não com a televisão, um objeto característico da indústria cultural e de massa. Ao livro é dado um valor inquestionavelmente superior, como objeto de conhecimento, em relação à televisão, que no momento recebe duras críticas. Mas também podemos pensar que o cartaz expressa o desejo de que o livro tenha a mesma penetração que a televisão tem na maioria da população.

O tema do 4.º Cole (1983), *Leitura na sociedade democrática: do discurso à ação*, pode ser visto como um chamamento à necessidade de transformar em ações fecundas os apelos feitos nos congressos anteriores (1.º e 3.º Coles) para a democratização da leitura e da sociedade. A ilustração no cartaz desse congresso faz alusão à sementeira das palavras em solo fértil, capaz de fazê-las germinar. Enquanto os congressos anteriores preparavam o terreno, este conclama todos ao plantio: do discurso à ação.

No cartaz do 5.º Cole (1985), um sujeito de óculos, ao lado de uma pilha de livros grossos, lê um livro que versa sobre o congresso. Três imagens a dialogar e que remetem para o tema desse evento - *O Professor e a Leitura*. Temos uma imagem típica de professor (sujeito com óculos), reforçada pela presença a seu lado de uma pilha de livros, a sugerir, talvez, que todo professor, para realizar um bom trabalho, deve ser alguém bem informado/formado pela leitura. Esse mesmo professor lê um livro que traz registros do congresso que se anuncia, possivelmente numa alusão ao caráter formador do evento.

As preocupações que dão ênfase à metodologia retornarão no 6.º Cole (1987), cujo tema é *A Questão dos Métodos e os Métodos em Questão*. Na ilustração do cartaz vemos um papagaio tocando um pandeiro e assustando uma coruja. Ambos estão sobre uma pilha de livros. Imagens que são símbolos fortes na cultura ocidental. Livros e conhecimento (representado pela imagem da coruja) que parecem não estar dando conta “desse brasileiro dos trópicos” (representado pelo papagaio) que chega à escola. Desta vez, segundo a programação, a discussão do “pedagógico” terá como enfoque



a reflexão sobre os princípios que farão emergir novas metodologias ou modos de ensinar e as condições necessárias para um trabalho de qualidade, especialmente na escola pública. Ganharam força nesse período os movimentos de professores e governos que, na educação, vão originar os Programas Curriculares em nível dos estados.

#### 3.4.2.

O segundo momento estabelecido por nós é inaugurado pelo 7.º Cole (1989), que traz o tema *Nas malhas da leitura: puxando outros fios*. Neste bloco, os objetivos do 7.º COLE anunciam o que está por vir:

- ampliar a discussão para além do espaço escolar a fim de possibilitar uma primeira aproximação à caracterização da leitura no interior da sociedade brasileira, pelas ações de diferentes instâncias culturais.
- reunir, no encontro, não só professores e pesquisadores, mas todos aqueles que também promovem a leitura e que produzem ou constroem as possibilidades de acesso ao que se lê.
- rever a amplitude do ato de ler face à produção, na sociedade brasileira contemporânea, de múltiplos objetos de leitura.
- discutir a presença de diferentes objetos de leitura na sociedade e no contexto escolar. (ANAIS do 7.º Cole, 1991, p. 7)

O acirramento da crise econômica e social do País nesse período (1989 -1997) acentua questões relacionadas à necessidade de consolidação de uma sociedade cidadã, democrática e inclusiva, sendo a leitura uma condição fundamental nesse processo. Outro ponto de vista (histórico e cultural) passa a reforçar e legitimar a multiplicidade de objetos e formas de leitura, as relações entre a prática da leitura e a sociedade, em suas distintas temporalidades, valores e comunidades. O cartaz do 10.º Cole reforça essa intenção, deslocando a prática da leitura para tempo mais remoto. O apelo à inclusão ficará explícito na fotografia utilizada no cartaz do 11.º Cole.

Da 10.ª edição do Cole, em 1995, até a 17.ª, em 2009, haverá a presença dos seminários e depois, encontros internos, que, organizados por pesquisadores ou entidades “parceiras”, ampliam e apresentam discussões sobre a leitura, que colocam ênfase nas relações entre a leitura, o tempo, a cultura, a história, as variadas formas de ler, os distintos grupos, etc. Envolvem as questões da memória da leitura, da

mídia, da leitura em sua relação com a educação infantil, das instituições de promoção da leitura, da educação indígena, das linguagens da *web*, da história das práticas culturais, das políticas públicas, entre outras.

3.4.3.

O último momento é formado pelos congressos que vão do 12.º (1999) ao 17.º Coles (2009). Estes destacam, ainda mais, os múltiplos e diversos fios que irão colocar a leitura em relação à diversidade de áreas de conhecimento. Mas não só. Em quatro deles o tema geral se expressa através de um fragmento de texto literário que parece indicar uma explosão de todas as fronteiras entre as linguagens e as diferentes áreas de conhecimento.

Atravessar os anos 80 no Brasil significou para os Coles constituir e ser constituído pelos debates que reforçaram a necessidade de uma sociedade e de uma educação democrática e inclusiva política, econômica e culturalmente.<sup>17</sup> Consolidar-se e manter-se até os dias atuais exigiu que os organizadores permanecessem sempre atentos aos momentos em que os Coles se enraizavam, a suas tensões e seus desafios, de modo a fazer deles, nos congressos, uma pauta inteligente, instigante e com potencial de reflexão.

Assim é que, no momento de preparação deste texto, a partir de um outro anteriormente apresentado<sup>18</sup>, outros quatro congressos já aconteceram e mais um está para acontecer. Seus temas são sugestivos de questões que incidem sobre a variedade de formas de vida e expressão, lugares indefinidos e misturados e atravessamentos que contrastam com a violência da homogeneidade no mundo. Sobre as fronteiras e as margens inexistentes. Sobre silêncios e invisibilidades. Sobre as possibilidades de processos inventivos e imaginativos de leitura. Sobre as interfaces entre palavras, imagens, corpos e sons...

O mundo grita. Escuta? – 18.º Cole, 2012

Leituras sem margens – 19.º Cole, 2014

17. Os anos 80 no Brasil foram marcados pelo processo de abertura política, pelo movimento pelas Diretas Já, pelo estabelecimento das reformas curriculares, pela extensão do direito ao voto por parte dos analfabetos, pelo início do período conhecido como Nova República.

18. Reescrita do texto originalmente produzido em espanhol e publicado nos Anais do XVIII Coloquio de Historia da Educacion - arte, literatura y educacion, 2015, VIC - Barcelona. <https://dialnet.unirioja.es/servlet/libro?codigo=575474>.

Nas dobras do (im)possível – 20.º Cole, 2016  
Leituras dissonantes – 21.º Cole, 2018  
Leituras Plurais, escritas equilibristas – 22.º Cole, 2020

## REFERÊNCIAS

- ASSOCIAÇÃO DE LEITURA DO BRASIL. *Caderno de resumos – 1.º Cole*. Campinas, SP, FE/ALB, s.d.  
ASSOCIAÇÃO DE LEITURA DO BRASIL. *Resumos – 2.º Cole*. Campinas, SP, FE/ALB, s.d.  
ASSOCIAÇÃO DE LEITURA DO BRASIL. *Resumos – 3.º Cole*. Campinas, SP, FE/ALB, s.d.  
ASSOCIAÇÃO DE LEITURA DO BRASIL. *Anais do 7.º Congresso de Leitura do Brasil – 7.º Cole*.  
Campinas-SP: FE; ALB, 1991.  
BAKHTIN M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1979.  
CHARTIER, R. *História cultural – entre práticas e representações*. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro:  
Bertrand Brasil, 1988.  
DARNTON, R. *O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução*. Tradução de Denise Bottmann.  
São Paulo: Companhia das Letras, 2010.  
SILVA, L. L.; OLIVEIRA, L. M. (Org.). *Tempo de Cole*. Campinas-SP: FE/UNICAMP, 2014.  
SILVA, L. L. M.; OLIVEIRA, L. M. Documentos em imágenes: carteles de los Congresos de Lectura  
do Brasil. In: COLOQUIO DE HISTORIA DA EDUCACION - Arte, Literatura y Educacion,  
18., 2015, VIC - Barcelona. *Actas del XIII Coloquio de La Educacion - Arte, literatura y educacion*.  
VIC - Barcelona: N. Padrós; E. Colledemont; J. Soler (Ed.). Servicio de publicaciones de la  
Universitat de VIC, 2015. v. 2, p. 383-392.  
SILVA, L. L. M.; OLIVEIRA, L. M.; TAKAMATSU, S. M. ALB: Memórias – entrecruzar tempos  
e textos. *Revista Ponto – publicação literária e cultural do SESI, São Paulo*, p. 60, 06 jun. 2014.

## SOBRE AS AUTORAS

**Lilian Lopes Martin da Silva** é graduada em Linguística (Universidade Estadual de Campinas), tem Mestrado e Doutorado em Educação (Universidade Estadual de Campinas). É professora pesquisadora da Universidade Estadual de Campinas. Tem experiência na área de Leitura, ensino e história da leitura com pesquisa em temas correlatos.

E-mail: lilianl@unicamp.br.

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7040-9878>.

**Luciane Moreira de Oliveira** é graduada em Pedagogia (Universidade Estadual de Campinas), Mestrado em Educação (Universidade Estadual de Campinas)

e Master em Museologia (Universidad de Valladolid, Espanha). Participante do Grupo de Pesquisa ALLE/AULA (FE-Unicamp). Experiência nas áreas de ensino, história da leitura e memória.

*E-mail:* luciane.oliveira.br@gmail.com.

*Orcid:* <https://orcid.org/0000-0002-7636-4826>.

*Recebido em 27 de abril de 2020 e aprovado em 29 de junho de 2020.*